

JORNAL DE BRASÍLIA

Exemplo de casa

30 JUN 1968

Nestes tempos em que o déficit público anda muito falado, a Câmara dos Deputados joga mais lenha no fogo em vez de ajudar a apagá-lo. E envolve o Legislativo, de modo geral, onde se critica, professoralmente, o descalabro econômico-financeiro, embora carregando as tintas no Executivo, aproveitando sua imagem opaca e cheia de ranhuras.

O ensaio de outro "trem da alegria", nos trilhos do erário, agora expõe a Câmara a desgaste moral, quando mais se necessita de exemplo austero neste País. Não é um pacote, modelo-surpresa, em desuso pelo Ministério da Fazenda-Ministério do Planejamento; é embrulho duvidoso, que contém presumíveis cacos dos vínculos empregatícios de dois mil funcionários, mas abrindo espaço para um cabide de cinco mil contratações, cobertas por generosa verba ao dispor de cada gabinete.

A Câmara não se isola, nesse exercício político-trabalhista. Somente entra em cartaz, na série de espetáculos infelizmente repriseáveis no Senado, em As-

sembléias Legislativas e Câmaras de Vereadores, nestas, agora mesmo, inovando em termos de disparates: a de Goiânia listou três dezenas de teólogos na empregomania, fazendo confusa mistura de Assembléia de Deus, porém, numa clara despesa à custa do povo.

Num último apelo ao juízo público, confia-se em que o honrado presidente Ulysses Guimarães imponha ordem no recinto. A Nação atingiu o clímax dos abusos, erros e displicências, fatores incidentes na engorda burocrática. É importante atender ao processo da renovação de legisladores. Todavia, nem sempre os parlamentares novos trazem o preparo correspondente à aplicação exigida de seu mandato. Por isso, forma-se-lhe a estrutura de apoio dos recursos humanos. E há veteranos que conhecem os trâmites e as sutilezas dos despachos, ao lado de equipes calouras, a estabelecerem o elo de quem um dia se afasta e de quem continua.

Mas do jeito em que vão as coisas, cada geração de legisladores vai deixando na Câmara, Senado, nas Assembléias e Câmaras de Vereadores suas

nomeações. Umas ficam sobre outras e grande parte de ambas se dedica ao ócio remunerado. Não fosse a intervenção divina, com o limite da vida — que a intervenção militar perde justificativa sob, desenvolvimento e frustrações — e o volume do pessoal se multiplicaria de forma irreversível, convertendo cada legislador num cacho consumista, numa Casa onde poucos acabam produzindo por muitos, tamanha é a composição heterogênea dos valores, só admitidos em isonomia graças ao sistema do mandato.

Apesar do princípio do equilíbrio interpoderes, o Legislativo desfruta de prerrogativas de privilégio e regalias autônomas. Cumpre-lhe regrá-las — e timbrá-las modelamente. Sobretudo, quando as instituições nacionais transitam na fase decisiva para a Nova República autêntica. No percurso, cabe às Casas de Leis revogaram o desprimoioso modo de consentirem situações de fato para, como desculpa, torná-las de direito. Como é delas que deve sair o melhor exemplo, o mínimo a dizer é que a manobra do ilícito não lhes fica bem.

Haroldo Hollanda

JORNAL DE BRASÍLIA